

## ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

Desterro, 1.º de Janeiro de 1888

## EXPEDIENTE

## Assignatura

Por mez . . . 500 rs.

PAGAMENTO ADIANTADO

## Publicação semanal

ESCRITORIO DA REDACÇÃO  
Rua de João Pinto n. 43

## CREPUSCULO

\* Desterro, 1.º de Janeiro de 1888.

Mais um anno passou, desapareceu nas azas do tempo.

A civilisação deo mais um passo no seo adiantamento no caracter social brasileiro, embora em alguns pontos do Imperio tenha apparecido varias desordens por motivo da necessidade da abolição dos captivos.

Ao Governo compéte incontestavelmente, acabar de uma vez com este erro inveterado entre nós, contando em seo seio bem distinctas individualidades que podem muito bem levar ao espirito popular a mais completa, gloriosa e justa paz.

Nenhum homem sem duvida, desconhecerá os beneficios do trabalho livre e soberano, porém o interesse que é uma grande barreira para todas as reformas, oppõe a maior difficuldade que só o Governo pôde destruir.

Está mais que reconhecida a utilidade e conveniencia d'essa reforma, que collocará o nosso paiz a par dos mais civilizados do mundo, conquistando de todas as nações cultas e adiantadas os mais significantes elogios.

O povo vio com entusiasmo erguerem-se no anno que findou, as mais valentes intelligencias, em pról d'essa idéa que realisada vae ser a chave do nosso engrandecimento.

Em outros interesses geraes, como sejam a litteratura, a sciencia e as artes não descurou o nosso paiz, sempre fadado para ser o primeiro do mundo.

A França, essa terra abençoada, patria de heróes, teve tambem no anno que findou bastantes revezes por motivo diametralmente opposto aquelle que nos faz lastimar.

Parece á vista das injustiças e ingratições que tem-se dado com os seus maiores homens, que a republica é uma instituição que deve ser condemnada — tanto tem desmerecido uma parte do povo francez !!

O anno de 87 foi fecundo de revezes para a Patria de Turenne, e para o nosso Brazil por motivo da necessidade que já referimos, aquella no que mais ama, quer e estima, e este no que mais envergonha, o faz pequeno e odiado.

Permitta a Providencia que no momento, em que se conso-

lide a republica na patria de Napoleão, tambem o nosso Brazil, patria do invicto, Dantas e do incansavel Paulino, possa hastear bem alto o estandarte da liberdade, não contando mais em seo seio um só homem escravizado.

E' este o voto de todo o brasileiro.

Seríamos ingratos tratando dos acontecimentos do anno findo, não lembrarmos aos nossos leitores o estado melindroso de saude, em que esteve o nosso monarcha.

Mocidade estudiosa, acompanhando par a par o movimento do paiz, não podemos deixar de, considerando a marcha dos publicos negocios, levantar um brado de dôr, de sentimento pela ausencia do nosso monarcha.

A instrucção que sempre mereceu de tão augusto personagem os maiores disvellos e sollicitude, é o presente que um bom governo deve fazer progressivamente aos seus governados, tomando o exemplo daquelle, cuja ausencia lastimamos, e que tantos talentos e aptições aproveitou emquanto poudes.

A instrucção é a unica luz salvadora dos povos. Só ella poderá levar á todas as classes sociais a maior somma de bens possiveis. Só ella é a estrella guiadora, santelmo brilhante de todas as civilisações.

## O DIA DO ANNO NOVO

A' João Saldanha Gondim

## I

Vinha rompendo a manhã placidamente. O céu desenrolava o manto sereno e intimo d'um azulado-crepusculo, que abrilhantava toda a natureza.

## II

Na aldeia repicava o sino.

Oh! que dia sumptuoso. Ah! era o dia do—Anno novo!

— Não vamos então a missa? interrogava Ida a sua mãe.

— Sim, deixa cantar o gallo.

N'isto que Carlotta, sentava-se n'uma esteira que collocára ao lado de sua cabanazinha pauperrima, á ver deslumbrantemente romper a aurora; doce como um carinho, casta como a verdade, cantou tres vezes o gallo.

Então Ida e Carlotta já preparadas para a missa, dirigiram-se a igreja em cujo adro uma chusma de homens conversava, até que ouviram a voz penetrante da campainha, que costuma a annunciar a entrada da missa.

A igreja estava repleta de gente e ainda via-se solapadamente entre os copados e floridos arvoredos que cobriam as estradas, lindas raparigas morenas que se approximavam a igreja.

Traziam ellas, mettidas nos cabellos, encarnadas rosas, oh! como ficavam engraçadas!

O doce *frü* de seus vestidos brancos; brancos como o chrysal, murmurava baixinho. Quem as visse, julgaria estar contemplando um bando de mansas rollas, dir-se-hia que eram uns quantos anjinhos que tombaram alegremente do céu, a solfejar o psalmo do paraizo, a illusão da vida!

Entrou a missa.

Via-se toda classe de gente.

Aqui a pobreza, ali honestamente sorria a virtude e acolá; o que julgueis leitores que havia visto?!

— A ignominia, representada n'um traídor, que dia, á branca luz do sol que nos vem diariamente dar forças ao trabalho, anda míngoadado, melancolisado, implorando uma esmola, delacerando a paciencia humana,

cujo resultado serve-lhe para á noite, apresentar-se como um ricoço, forte, robusto, activo e até differenciando-se de outros que na verdade são—Pobres!

Acabada a missa—Ida a casta devota e Carlotta foram para a casa.

## III

O sol, o astro-rei como estava deslumbrante.

Que dia sublimatico, o dia do—Anno-novo!

Que dia pomposo, em que festejamos religiosamente a Circuncisão do Senhor!

Entretanto si houvesse alguém cuja alma boa e piedosa; se lembrasse ao menos que hoje é um dia glorioso e santificado para toda a humanidade, talvez que toda a escrava e paciente gente, não estivesse ainda ao estalo de lategos cortantes, aos golpes da escravidão e sim—Livre—ao menos em nome do—Senhor!

SABBAS COSTA.

## LITTERATURA

## UMA PAGINA DE GEORGE SAND

(TRADUCÇÃO)

Com o suor ardente de teu rosto ganharás, trabalhando, o pão da vida, para depois de longo e atroz desgosto terminares na morte a insana lida.

Estes quatro singellos versos, collocados por baixo de um quadro de Holbein, são de uma infinita tristeza e de uma profunda ingenuidade.

Agravura representa um lavrador conduzindo a charrua pelo meio de um campo que se estende a perder de vista e onde se destacam, aqui e além, perdidas n'aquella solidão immensa, algumas miseraveis choupanas.

O sol desaparece por traz de uma collina.

E' o fim de um dia de rude trabalho

O camponez é velho e musculoso e está coberto de farrapos. Magros e fracos são os quatro cavallos que

arrastam o instrumento, cuja relha difficilmente se enterra n'um solo pedregoso e rebelde.

Um unico ser ali mostra-se alegre e feliz no meio d'aquella scena de desolação: é um personagem phantastico, um esqueleto, que, armado de um azorrague, corre no sulco, ao lado dos cavallos amedrontados, e fustiga-os sem piedade, servindo assim de creado ao velho lavrador, é a morte, esse espectro horrivel, que o grande pintor introduziu allegoricamente na longa successão de seus quadros—ora philosophicos e religiosos, ora lugubres e chocarretos, intitulados — *Os simulacros da morte*.

N'essa colleção, ou, antes, n'essa vasta composição, em cujas paginas, uma por uma, a morte, representando o primeiro papel, é o pensamento dominante, a idéa soberana, Holbein apresenta-nos reis, imperadores, pontifices, amantes, jogadores, ebrios, frades, cortezas, salteadores, pobres, guerreiros, freiras, judeus, viajantes, finalmente, todo o mundo do seu tempo e do nosso. E por toda parte, e sempre, a morte escarneoando, ameaçando e triumphando.

Contemplemos o pobre Lazaro deitado á porta do rico, e dizendo que nada teme porquena nada tem a perder, por isso que a sua vida não passa de uma morte antecipada.

Será consoladôr este stóico pensamento do christianismo semi-pagão da renascença?

As almas verdadeiramente religiosas encontrarão n'elle o fim para que tendem?

O ambicioso, o ladrão, o tyranno, o devasso, todos esses soberbos peccadores que abusam da vida e que a morte traz suspensos pelos cabellos, hão de ser punidos sem duvida; mas o cego, o mendigo, o louco, o pobre camponez ficarão recompensados da sua longa miseria pela unica reflexão de que a morte não é um mal para elles?

Certamente que não.

Uma tristeza implacavel, uma horrorosa fatalidade pé-a sobre a obra do grande artista: uma especie de maldicção amarga lançada em um momento de desespero á sorte da humanidade inteira.

E no entretanto, elle não fez mais do que reproduzir a sociedade que desfilava diante de seus olhos, got-

tejando por todos os póros o crime, deixando em cada pégada a desgraça.

Mas nós, artistas de outro seculo, o que deveremos pintar?

Procuraremos no pensamento da morte a remuneração futura da humanidade presente?

Invocaremos a morte como o castigo da injustiça e a recompensa do soffrimento?

Não; nada queremos com a fria soberana dos tumulos, com a implacavel destruidora da fô e da esperança, com a despotica rainha do esquecimento.

Procuraremos a vida, triste ou alegre, cheia de espinhos, ou tapetada de rosas, repleta de lagrimas, ou exuberante de canticos.

Nós não cremos no *nada* do tumulo, nem na salvação adquirida por uma renuncia forçada.

Queremos que a vida seja boa, para que seja fecunda.

E' preciso que Lazarô abandone a porta do riso, para que a pobreza não se rejubile com a morte da riqueza; é preciso que todos sejam felizes, para que a felicidade de alguns não seja uma felicidade criminosa e maldicta de Deus; é preciso que o lavrador que semeia o trigo, lembre-se de que trabalha para a obra da vida e não de que a morte lhe acompanha os passos; é preciso finalmente, que a morte não seja o castigo da prosperidade e a consolação da preguiça.

Deus não a destinou nem para punir nem para recompensar, porque Deus abençoou a vida, e o tumulo não deve ser um refugio para onde correm aquelles que não podem ser felizes.

N.

(Continúa).

## NOTICIARIO

### LYCEO DE ARTES E OFFICIOS

Teve lugar no dia 25 do passado, ao meio-dia, a distribuição de premios aos alumnos que mais se distinguiram nos exames prestados n'este estabelecimento.

Algumas pessoas, cujo digno respeito que gozam perante a sociedade, é elevado, fallaram n'este bri-

lhante momento, em prol da educação e do Lyceo; assim como saudaram ao Sr. João Maria Duarte, actual director, em exercicio e á muito honrada corporação docente, pelos apreciaveis serviços — que está prestando á mocidade Desterrense.

Grande era o numero de convidadas que assistio a esta esplendida festa.

N'uma das aulas, vimos um bando de desenhos expostos, os quaes, com a firme correcção da arte, estavam lindos. Tambem vimos o Musco, que paulatinamente vai augmentando, tendo já uma porção de objectos expostos, curiosos.

Findou esta grandiosa festa, ás 3 horas da tarde d'aquelle dia.

Mais outra vez, levantamos com todo o enthusiasmo, um bravo ao Lyceo e á sua digna corporação.

Agradecemos o convite, que a distincta directoria do Lyceo, nos obsequiou em enviar-nos afim de assistirmos aquella festa maravilhosa.

Por toda a proxima semana, a Empreza Litteraria Catharinense, dará a luz, á publicidade em fasciculos ao notavel e optimo romance original do celebre escriptor hespanhol D. João Valera, intitulado—**PEPITA JIMENEZ.**

Recommendamos portanto aos amaveis leitores, o celebre romance, pedindo-lhes que aproveitem a occasião em assignal-o, pois que nada perdem, visto ser uma obra boa, digna de ler-se escolhida especialmente pelo Sr. José Raposo director da Empreza.

Convictos pois, de que assim brilhantemente, possa a Empreza seguir avante a estrada da Luz, sem que encontre n'elle, que é tão viçosa, alguma barreira, damos outra vez as nossas saudações aos Srs. proprietarios.

**Tito Ramos**

Segundo nos consta, este nosso estimado conterraneo, alumno da Escola Militar de Porto-Alegre, que sahio approved nas materias do 1.º anno do curso superior, deve chegar brevemente afim de passar as ferias no seio de sua Exma. familia.

Parabens pois ao nobre conterra-

neo pelo desempenho brilhante da tarefa a que se dedicou e que continue a conquistar as maiores provas de optimo estudante é o que glorioosamente desejamos.

Chegou da Côte, no dia 30 do mez passado, no vapor *Rio Paraná*, o nosso distincto e sisudo amigo, o Sr. Francolino Olympio Cameu, a quem cumprimentamos.

## ERNESTO F. NUNES PIRES

### IBRANTINA

## SEGUNDA PARTE

### CAPITULO

#### II

Tendo Rosalina lido todas as cartas Ibrantina, abriu o involucre que cobria os outros papeis.

O primeiro que tirou era uma nota de firmas falsificadas. O segundo era outra nota de crimes praticado por Rogerio e escripta da seguinte maneira:

« 26 de Maio de 1850.

« Assassinei hontem meu pai e  
« minha mãe. Este apunhalado e  
« aquella envenenada, com o fim de  
« deshonrar minha irmã Margarida  
« o que fiz esta manhã, servindo-me  
« para isso de um narchotico ».

« 14 de Junho de 1850.

« Assassinei Magdalena de Castro  
« e deshonrei sua filha Lucinda. Ao  
« sahir da caza de Magdalena en-  
« contréi-me com seu marido Gui-  
« lherme de Castro, apunhalei-o ».

Em outro papel viu Rosalina a seguinte nota:

« 29 de Agosto de 1851.

« Deshonrei minha afilhada Rita  
« de 15 annos de idade e a envene-  
« nei ».

Rosalina a proporção que ia lendo estes documentos dobrava-os e guardava-os no seio, formando desde logo o projecto de vingar-se desse miseravel que abusára de sua boa fô.

Certa da infidelidade de Ibrantina quiz ao principio revellar tudo a Alfredo, mas reflectindo viu que melhor era esperar occasião mais opportuna para levar tudo ao irmão.

Assim passaram-se dous mezes de verdadeiro martyrio, até que afinal chegou a occasião da vingança como o leitor verá

III

O PROJECTO

A convalescença de Ibrantina foi rapida, pois ao quarto dia já estava sentada em uma rica conversadeira, na sala principal da casa, formando com seu marido o projecto do baptisado de sua loira filhinha que dormia em harmonioso «cradde».

Tratavam no momento que á vimos n'essa rica sala; da escolha de padrinhos.

Alfredo queria que fossem padrinhos Rogerio e Rosalina, e, Ibrantina oppunha-se ao convite de Rogerio dizendo que elle não accetaria.

— Qual a razão querida Ibrantina que não queres que eu convide Rogerio para padrinho de nossa filha? A quem é que devemos a nossa união?

— E' a elle sem duvida, disse Ibrantina, que devemos a nossa união; mas si eu opponho-mè a esse convite é porque... porque ha dias fallando-lhe a esse respeito, elle disse-me que tinha protestado não baptisar mais creança alguma, porque todos os seus afilhados morriam antes de completarem um anno, contudo convida-o e se elle aceitar terei grande prazer.

— Bem, tornou Alfredo, eu vou sahir e logo então trataremos disso. Até logo Ibrantina.

— Até logo Alfredo.

IV

— Bom dia Ibrantina, disse Rogerio no limiar da porta.

— Bom dia Rogerio. Como vae a tua feliz mulher?

— Ora como hade ir...levando dia e noite a chorar e queixando-se que eu lhe sou falço, quando tu sabes que eu sou um marido modelo.....

E como vae o pai de minha filha? Ainda não desconfiou de nada?

— Continuam as cousas da mesma maneira, mas temo que haja em

breve alguma tempestado aqui por casa.

— Como assim?

— Sim; porque Alfredo quer a todo trase convidar-te para padrinho de... sua filha...

— E tu o que lhe disseste?

— Disse-lhe que já tinha-te fallado a esse respeito, e que tu havias recusado o meu convite allegando que todos os teus afilhados têm morrido antes de completarem um anno... Elle contudo, insiste em convidar-te e para isso vae hoje a tua casa.

— Bem. Tenho uma ideia e vou pol-a em pratica.

— Qual é?

— Ali sobre aquella mesa ha papel, penna e tinta, senta-te e escreve o que eu dictar.

— Mas conta-me primeiro qual é o teu plano?...

— Escreve, e depois verás que o meu calculo é tão infalivel como são os calculos mathematicos. Estás prompta?

— Estou. Pódes dictar.

« Sr. Rogerio.

« Hoje fazendo o sorteio para ver a quem devia convidar para padrinho de minha filhinha, a sorte mostrou-me por tres vezes conse-

« cutivas o seu nome. Fiquei satisfeita e espero que attendera ao meu convite.

« Quanto a madrinha já deve saber que é a mania Rosalina,

« Sem mais  
« respeitada cunhada

« Ibrantina ».

— Muito bem! Agora levanta-te que eu quero responder.

— Como vae responder?

— Verás.

« Respeitavel cunhada

« Acabo de receber seu bilhete e para não perder tempo respondo junto a elle. Sinto profundamente não attendêr seu convite, porque protestei não ser mais padrinho de creança alguma; visto todos os meus afilhados morrerem antes de completarem um anno.

« Não sei a que attribua esta infelicidade, e por isso é que recuso seu convite. Espero, que tanto a Sr.<sup>a</sup> como Alfredo não se enfadaram com o

« respectador, criado e cunhado

« Dr. Rogerio ».

(Continua).

# ADEUS

Adeus! Virginia, quantas horas quantas, de ti ausente, minha rubra flôr; placido gozo, de minh'alma crente, nos teus sorrisos, n'um feliz amor.

Adeus! Virginia, a romagem é grande é grande o amor e fagueira a espr'ança, d'esse futuro que anhelamos tanto de ti Virginia—eu terei—lembrança!

Adeus! Virginia, quando a tarde esquivada for descambando pelo azul dos cèus! pensa, formosa, te lembrando o nome do louco amante, que te diz—Adeus!

Ribeirão, 4 de Dezembro de 1887.

ERNESTO PIRES.

(Flôres sem perfume)

Typ. da Regeneração.